

PARA NÓS, QUEM SOMOS? PARA OS OUTROS, O QUE SOMOS? UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE A JUVENTUDE DA EJA NA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ DE CARVALHO E SILVA

Maria Alessandra de Oliveira
alessandraufrn@hotmail.com
Clarissa Souza de Andrade Honda
clarissa.andrade@ifrn.edu.br

Artigo defendido em 08/11/2019

RESUMO

O presente trabalho tem por título “Para nós, quem somos? Para os outros, o que somos? Um olhar sensível sobre a juventude da EJA na Escola Municipal José de Carvalho e Silva”. Em meio à realidade de uma turma por muitos considerada difícil, se faz necessário conhecer quem são esses sujeitos da EJA e compreender os porquês que esses alunos estão na escola. O que faz com que alguns se comportem de forma “indisciplinada”, demonstrem falta de interesse em estar em sala de aula, se o contexto parece interferir na participação na escola, se tiveram escolhas no decorrer de suas vidas, seus interesses e expectativas... São questões que nos motivaram à investigação. Assim, o objetivo do estudo é compreender quem são os sujeitos da EJA da Escola Municipal José de Carvalho e Silva, por meio de um olhar sensível. Utilizando como fundamentação, teóricos que discutem os estudantes como sujeito de direitos, como Arroyo (2014; 2017) e documentos oficiais que

asseguram direitos aos jovens, como o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a pesquisa investigou uma turma de 3º período do Ensino Fundamental da EJA da referida escola, situada no Centro de Canguaretama/RN. Utilizou como procedimentos metodológicos a observação, o questionário e a intervenção didática. Nos resultados, destacamos a visão dos sujeitos sobre eles mesmos e suas trajetórias, bem como a visão da professora da turma sobre seus alunos. Nas considerações finais, levantamos breves reflexões propositivas a partir da realidade investigada, pois acreditamos que - por meio de um olhar sensível - compreender, repensar e contribuir para vincular esses jovens ao processo de ensino-aprendizagem, os incentivando na sua permanência e continuidade no seu processo formativo, é possível e faz parte do papel da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Juventude, Perfil discente.

FOR US, WHO ARE WE? FOR OTHERS, WHAT ARE WE?

A SENSITIVE LOOK AT YOUNG ADULTS EDUCATION IN JOSÉ DE CARVALHO E SILVA MUNICIPAL SCHOOL

ABSTRACT

The present work is entitled “Who are we? For others, what are we? A sensitive look at the youth of EJA at José de Carvalho e Silva Municipal School”. In the midst of the reality of a class considered difficult by many, it is necessary to know who these EJA subjects are and to understand why these students are in school. What causes some to behave in an “undisciplined” manner, show a lack of interest in being in the classroom, if the context seems to interfere with school participation, if they have had choices over the course of whether their lives, their interests and expectations. These are questions that motivated us to investigate. Thus, the objective of the study is to understand who are the subjects of the EJA of the José de Carvalho e Silva Municipal School, through a sensitive look. Using as a basis, theorists who discuss students as subjects of rights, such as Arroyo (2014; 2017) and official documents that

guarantee rights to young people, such as the Child and Adolescent Statute and the Law of Guidelines and Bases of National Education, the This research investigated a class of the 3rd period of EJA Elementary School of that school, located in the Center of Canguaretama / RN. It used as methodological procedures the observation, the questionnaire and the didactic intervention. In the results, we highlight the subjects' view of themselves and their trajectories, as well as the class teacher's view of their students. In the final considerations, we raise brief purposive reflections from the reality investigated, because we believe that - through a sensitive eye - understand, rethink and contribute to link these young people to the teaching-learning process, encouraging them in their permanence and continuity in their lives. training process is possible and part of the school's role.

KEYWORDS: Youth and Adult Education; Youth, Student Profile.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade refletir sobre quem são os sujeitos da EJA, a partir do olhar dos próprios alunos, de uma turma do 3º período da Escola Municipal José de Carvalho e Silva, localizada em Canguaretama/RN.

Diante da realidade de uma turma de alunos com diferentes níveis no processo de alfabetização e letramento, parte dos alunos sendo jovens “indisciplinados e com pouco interesse em estar nas aulas” e a docente e gestão com dificuldades de encontrar caminhos para conter essa “indisciplina” presente no contexto de sala, se faz importante refletir aqui: quem são esses alunos? Por que estão nessa modalidade de ensino? O que pode estar contribuindo para esses comportamentos que dificultam o caminhar das aulas? E como intervir de uma forma adequada sem inibir esses sujeitos e contribuir significativamente para a sua vida educacional no âmbito escolar?

Em uma turma onde se enfrentam situações distintas, as quais não só influenciam na dinâmica da aula como também na formação do indivíduo como cidadão, é preciso ter um olhar sensível frente a diversas dificuldades a serem enfrentadas, e assim, buscar compreender a realidade vivida por esses jovens, na busca por medidas cabíveis que possam contribuir para que esses problemas venham a ser solucionados.

Aqui, vale ressaltar o papel da docente como mediadora das ações pedagógicas, posto que, ela busca ter esse olhar sensível para seus alunos. No entanto, pensando-se no contexto, se faz necessário essa sensibilidade para além do contexto de sala de aula, uma mobilização de todos que fazem a comunidade escolar. E assim, refletir e repensar ações visando à formação integral desses sujeitos, não apenas em aprendizagem, mas no desenvolvimento de um ser consciente de suas práticas, de compreender a importância de seu caminho escolar, de tornar-se um sujeito com objetivos e sonhos. Posto que, diante de realidades rodeadas de violência e necessidades financeiras, muitos desses alunos crescem sem expectativas de vida, e isso precisa ser desconstruído. São alunos entre 15 e 40 anos, sendo a maioria jovem.

“Para nós, quem somos? Para os outros, o que somos?” nos remete subjetivamente, as posições sobre quem são esses sujeitos da EJA conforme o olhar não apenas dos próprios alunos, como também dos “outros”, que representam a sociedade, em geral, incluindo a comunidade escolar e outros atores da EJA.

Assim, como objetivo geral da pesquisa delineamos: compreender quem são os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal José de Carvalho e Silva, por meio de um olhar sensível. E nossos objetivos específicos: identificar o contexto no qual estão inseridos em seu cotidiano e suas ocupações laborais; compreender por que os estudantes estão na EJA, segundo eles; conhecer, segundo suas próprias falas, seus sonhos e perspectivas de futuro; conhecer a visão da professora da turma sobre seus alunos e sobre suas dificuldades com a turma e a modalidade EJA; apreender elementos da prática pedagógica da professora que dizem respeito à sua relação com os estudantes jovens e adultos de diferentes perfis.

O interesse pela pesquisa surgiu após uma visita à turma da EJA do 3º período da referida escola, em que foi possível conhecer a realidade enfrentada pela docente, gestão e todos que rodeiam a dinâmica escolar. A maioria dos alunos sendo jovens (com apenas três alunas com média de trinta e quarenta anos de idade) foi possível perceber as diferentes dificuldades enfrentados todos os dias pela mediadora da turma. Mesmo que a docente converse, realize leituras deleites motivacionais, apresente propostas diferenciadas das aulas e aplique diferentes atividades

conforme o desenvolvimento de seus discentes, seja no processo de apreensão do sistema alfabético de escrita, seja na manifestação dessa prática em diferentes contextos sociais e em conteúdo), ainda assim, existe a presença nítida, da “indisciplina e falta de interesse por parte dos sujeitos”, valendo aqui enfatizar a presença de alunos usuários de substâncias ilícitas e com seu linguajar fazendo uso de palavras “desrespeitosas”, direcionando a quem quer que os façam se sentir intimidados, ofendidos ou queiram provocar (exceto a docente, que com o passar das aulas e sua prática, eles respeitam bastante).

A turma é considerada difícil e já existiram situações em que houve necessidade de intervenção de autoridades de fora da escola. Na ocasião, a gestora buscou conversar e chamar a atenção, na tentativa do aluno se conscientizar pelos seus atos. Mesmo assim, entendeu-se necessário solicitar a presença do Conselho Tutelar e da Polícia Militar para conter determinada situação de “enfrentamento pedagógico e não cumprimento das normas escolares”.

Diante desse complexo contexto, tal pesquisa vai além da compreensão do funcionamento da diversidade existente em uma sala de EJA. Busca entender tantos porquês para, a partir disso, contribuir para traçar novos objetivos e estratégias educacionais que possibilitem aos educandos não apenas dar continuidade a seus estudos, mas também acreditarem e si e construir uma perspectiva de vida, buscando sentidos e caminhos rumo a novas escolhas.

A partir desse cenário, a pesquisa traz como referencial teórico principal ARROYO (2014; 2017), que juntamente com BRASIL (2006), contribuiu para compreender os perfis de sujeitos que se configuram no contexto da Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa assume uma abordagem qualitativa e emprega o uso da observação, do questionário e da intervenção didática como procedimentos de coleta de dados.

Na estruturação do artigo, apresentamos o referencial teórico, em seguida, a metodologia utilizada, trazendo também o lócus da pesquisa. Na sequência, os resultados e discussões, abordando também suas implicações. E as considerações finais trazem impressões finais, a importância da pesquisa e reflexões últimas acerca do tema em discussão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Sabe-se que a Educação de Jovens e Adultos traz consigo sujeitos que, por algum motivo, não concluíram seus estudos na idade “dita certa”. Uns, estereotipados como atrasados no ensino regular e repetentes, outros, não tiveram a oportunidade ou não puderam dar continuidade aos seus estudos, por terem que trabalhar e até mesmo manter a sua família. Tudo isso se insere nas tantas situações que rodeiam a realidade de nossos alunos do itinerário noturno da EJA.

Encontramos em documentos oficiais de EJA que:

A educação de jovens e adultos é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários (PAIVA, 1973, p.16 apud PARANÁ, 2008, p. 6).

Atualmente, essa definição de sujeitos da EJA vem sofrendo modificações. Não são “apenas” aqueles que não tiveram oportunidades educacionais na dita “idade própria” e nem os que tiveram acesso à educação, mas “insuficiente” para alfabetizar-se e construir seus conhecimentos básicos.

Hoje, muitos desses alunos tem idade próxima a 15 anos e estavam, antes disso, nas escolas de ensino “regular”, mas tiveram sucessivas reprovações e, hoje, aumentam o índice de jovens que constituem o que ficou conhecido como “juvenilização da EJA”.

O fenômeno que tem sido nomeado como Juvenilização da EJA vem da prática do que chamamos de migração perversa. Jovens (muito jovens) que tiveram acesso permanência na escola, mas que ingressam na EJA ao atingirem a idade autorizada pelo Parecer 6/2010, 15 anos completos. Esses jovens poderiam (segundo o próprio Parecer) serem atendidos em programas e projetos que fossem pensados para as suas especificidades, no entanto, cada vez mais são impelidos a matricularem-se na EJA, caracterizando, não oficialmente, mas na prática, como uma política de correção de fluxo escolar, uma válvula de escape para esses jovens com defasagem idade/série (LEMOS, 2016, p.6).

Essa “chegada” de jovens para o contexto EJA na busca dessa correção de fluxo escolar, também tem como resultante a diversidade existente nesse contexto. Visto que, além de jovens que trazem consigo suas experiências de vida e “insuficiência de aprendizagem” juntamente com suas reprovações. Ao adentrarem na EJA, se deparam com outros perfis, não apenas jovens, mas também adultos.

A diversidade é marca bastante presente na EJA. “Em nosso dia-a-dia escolar trabalhamos com uma modalidade de ensino cuja especificidade é marcada pela diversidade: de perfis dos alunos, de idades, de histórias de vida, aspirações, de metodologias” (PARANÁ, 2008, p.3). Tal afirmação é realidade visível na turma de jovens e adultos de 3º período onde está sendo realizada a pesquisa.

Do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultura [...] (GOMES, 2007, p.17).

Sendo assim, a EJA configura uma modalidade marcada pela diversidade, não “apenas” de sujeitos com perfis e faixas etárias distintas, mas inseridos em culturas diversas. Trazem consigo marcas subjetivas em que há desestrutura familiar, são vítimas de violência no contexto em que vivem, usuários de drogas, dentre tantos outros problemas sociais a que estão submetidos. São marcas que, no caminhar de sua vida escolar, somaram-se para que tivessem seu direito à educação, de alguma forma, negado em meio a sua segregação cultural.

No artigo 205 da Constituição Federal, identificamos que,

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p.123).

Há quem pense ou defenda que os educandos mesmos se negaram a dar continuidade a seus estudos; há quem os culpem, porque digam que “antes” foram suas escolhas. Porém, como fazer valer o direito à educação de sujeitos tachados pela própria sociedade como problemáticos? Atrasados? Sem interesse pelos estudos? Sem os conhecer e buscar compreender os porquês de

seus comportamentos? Será que tiveram “escolhas” em meio as diferenças e desigualdades que os cercam? Em meio a uma segregação social historicamente existente?

Aqui, quando se refere a essa segregação, como ARROYO (2017, p.172) remetemos a afirmar, que “A cultura, faz parte do processo de formação humana, mas, na medida em que se impõe uma cultura como única, outras culturas são segregadas, inferiorizadas.” E essa imposição cultural existente, faz com que outras culturas se percam com o passar do tempo, sejam desvalorizadas, sejam negadas e até mesmo ignoradas. Já que não estão dentro dos padrões. “Adverte-nos para não esquecer que a produção cultural não esteve isenta das hierarquias de classe, de raça e classificações de culturas nobre e comuns” (ARROYO,2017, p.170).

“Entender a história – que vem da colonização - de classificar povos originários, indígenas, negros, camponeses, pobres e trabalhadores como incultos, e os colonizadores e as elites como cultos. Classificações que persistem” (ARROYO,2017, p.174).

Isso nos permite afirmar que outros fatores refletem na vida desses jovens e adultos, que vão bem além de suas realidades seja dentro ou fora da escola, já que a própria imposição social, tornou esses sujeitos marginalizados pela sociedade, segregados por padrões já determinados socialmente.

As crianças, adolescentes e os jovens e adultos, como membros desses coletivos, têm direito a entender essas segregações culturais que são vítimas do passado e do presente. Sua condição de reprovados, repetentes e defasados, obrigados a voltar a refazer percursos escolares ainda é justificada na falta de valores de estudo, de perseverança, na falta da cultura do trabalho (ARROYO,2017, p.162).

Diante de suas vivências reais, com pais desempregados, moradias sem infraestrutura, violência e outros problemas que os rodeiam, quantas questões não devem enfrentar para dar continuidade a seus estudos? Quantas frustrações? Quantos são aqueles que não terão vontade de desistir de seus estudos? Quantos não buscam outros caminhos fugindo de suas realidades? Quantos são ainda resistentes?

Avança-se no trabalho desse diálogo e até das rupturas com essas experiências de resistência. As crianças, adolescentes ou jovens que frequentam as escolas públicas e os jovens-adultos da EJA carregam suas culturas de classe, de raça, de campo, de imigrantes. Vivem estigmatizados social e culturalmente, mas resistentes (ARROYO,2017, p.189).

Ser resistente também é um ato de coragem.

Para compreender essa dimensão histórica e social que afeta tantos esses indivíduos em meio a essa segregação, “aprofundar essas interrogações sobre direito à cultura e o direito ao conhecimento poderá ser um caminho para entender como a segregação da cultura popular levou a segregação de crianças, jovens e adultos populares” (ARROYO,2017,p.170).

Também possuem cultura, costumes e continuam construindo histórias, em meio a suas memórias. “Um caminho será a escola e a EJA assumirem sua responsabilidade de garantir o direito a memória garantindo, seus direitos ao conhecimento das verdades de nossa história de

culturicídios e existências” (ARROYO, 2017, p.184). Porém, como explicar a esses jovens e adultos, marcas que foram tão reais e que ainda refletem a realidade desses sujeitos?

Não é fácil tentar uma explicação aceitável do inaceitável. Do inexplicável da escravidão e do extermínio dos povos indígenas e das condições a que são submetidos hoje os trabalhadores camponeses e das cidades. A procura de explicações históricas não encontrará nunca justificativas para tais monstruosidades. Para tantos culturicídios (ARROYO,2017, p.184-185).

Culturas com suas formas de viver, submetidas a outras condições de existência, de modo de vida.

Deve-se criar temas geradores de estudo para entender como essas formas de viver mais básicas da existência humana foram submetidas a condições sub-humanas e como foram destruídas, entender o que condicionou radicalmente os traços de suas culturas. Mostrar como essas culturas foram engendradas e como se perpetuam não apenas em monstruosos preconceitos, mas, sobretudo, na manutenção de processos de segregação econômica, social, racial e cultural (ARROYO,2017, p.185).

Assim, entendendo-se os motivos pelos quais ainda são segregados, mas que precisam continuar resistentes, fazer exercer seus direitos garantidos, obtidos através de lutas de movimentos sociais. Esses, “os movimentos sociais representam uma reação ao pensamento e às práticas, abissais com que foram inferiorizados. São as vítimas resistindo ao processo de decretá-los na inexistência, na subalternização” (ARROYO,2014, P.16). Trazer à tona suas culturas, crenças, valores e outros assuntos que podem fazer parte de suas vidas escolares, até mesmo comparadas a outras, mostrando relações e diferenças de cultura. Compreendendo as desigualdades que os cercam, essa segregação em que vivem, conhecendo os porquês que seus direitos foram e ainda são negados. Mas que ainda há lutas para tal reconhecimento. De sujeitos de direitos.

Porém, não é fácil articular tantas verdades já enraizadas historicamente, trazendo uma valorização cultural ao que é empírico. Mesmo que seja um direito, o acesso e a valorização da produção cultural, “Como garantir às crianças na escola, aos jovens e adultos os direitos articulados à cultura e ao conhecimento? Começamos por formar os docentes-educadores como agentes profissionais do direito à cultura” (ARROYO, 2017, p.).

A partir do momento que somos conscientizados como sujeitos de direitos perante a sociedade e em diversas instancias como a escola, com os da Educação de Jovens e Adultos, como os alunos do itinerário noturno, devemos ser impulsionados a buscar a garantia desses direitos. Antes negado, hoje, sendo aos poucos, conquistados e garantidos.

Está avançando a consciência de que as desigualdades sociais, econômica, regionais têm que ser superadas. O direito de todos a saúde, a escola, alimentação adquire um certo reconhecimento nas políticas sociais e educacionais. Toda criança na escola, tirar milhões da linha de pobreza extrema, políticas de moradia-minha casa vida, de bolsa família, de saúde, de educação-escola para todos, de qualidade...são políticas consensuais, que têm por base o avanço da consciência da igualdade. Avanço dos movimentos sociais por igualdades de direitos, por reconhecimento de suas diferenças de classe, étnicas, raciais, de gênero (ARROYO,2014, p.121).

Além disso, outros direitos são requeridos. “Relacionar o direito à educação, ao conhecimento e à cultura exigirá repensar a história das políticas, das diretrizes, dos currículos e

até do nosso sistema escolar nessa relação” (ARROYO,2017, p.170), buscando assim, uma melhor compreensão de todos, acerca desse direito cultural existente.

Art.215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais (BRASIL,1988, p.126).

Em Arroyo (2017) a cultura é um direito básico de todo o ser humano, e em consequência disso, o Estado tem o dever de garantir ao cidadão esse direito cultural já projetado em lei. Seja no acesso a produção cultural, artística e outros movimentos que refletem na formação cultural de todo cidadão.

Trabalhar o direito à cultura como direito à formação humana coloca-nos diante de como entender a trabalhar essa tensa história da imposição, segregação de culturas. De desumanização. Obriga-nos a aprofundar as virtualidades formadoras, humanizadoras da cultura, mas também a nos aprofundar sobre o processo de desumanização na segregação, destruição de culturas na história e, especificamente, em nossa história. Obriga-nos a ter a sensibilidade pedagógica para a violência, segregação, do racismo, da reprovação e retenção de milhões de crianças negras, de rua, ou para a sua exclusão da universidade, do poder, da justiça, da terra, do trabalho, dos espaços culturais (ARROYO,2017, p.172).

Perante tudo isso, como não nos sensibilizar para com esses sujeitos em meio a suas realidades de vida, a suas frustrações? Reprovações? Segregações?

Quando falamos em sensibilizar-se, levamos em consideração sua definição:

Sensibilizar (...)tornar-(se) sensível a; tornar-(se) comovido; entristecer-(se), contristar-(se) (...)2 t.d tornar receptivo a emoções; ligar por ato solidário(...)3 t.d impressionar vivamente; atrair a atenção de (alguém ou algo) para suscitar reação de certa amplitude e certa duração; emocionar, tocar (...)4 t.d tornar sensível a ação de qualquer agente. (HOUAISS, 2009, p.1729).

A partir do momento que existe sensibilidade para com o outro, passa a existir um outro olhar, que vai além do que enxergamos, adentramos no universo subjetivo do sujeito. Nesse sentido, quando nos referimos a essa sensibilidade para com o sujeito da EJA, nos remetemos a identificar quem são, conhecer esses sujeitos, a cultura na qual se inserem. Visando compreender os porquês desses, de estarem em condição de alunos da EJA, serem indisciplinados, terem dificuldade na apreensão do sistema alfabético de escrita, possuírem comportamentos de indisciplina.

Nesse viés, se faz necessário nos remeter sobre o papel do(a) professor(a) no ambiente escolar. Sabendo da necessidade de um olhar peculiar frente ao contextos desses educandos, é preciso conhecer e compreender já na formação docente, a complexidade de tantas dimensões que estão em torno da EJA e, em meio as mudanças de perfis com o passar dos anos, se faz necessário um retorno “formativo”, posto que há uma nova configuração de público nessa modalidade e realidades.

Mais um motivo para que a riqueza dos estudos da juventude seja obrigatório no currículo de formação continuada dos profissionais da educação. Mais um motivo para capacitá-los a aprofundar em coletivos de diálogos com esses adolescentes-jovens-adultos, de que valores são sujeitos, que saberes de mundo, de sociedade, de si mesmos aprenderam em suas longas e tensas lutas por viver, sobreviver, trabalhar desde criança (ARROYO,2017, p.228).

No artigo 62 da LDB afirme que para atuar no ensino básico,

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em cursos de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (BRASIL,2005, 26).

Entendamos essa como a formação mínima, mas não suficiente. Aqui, se faz preciso reafirmar a importância da formação continuada, que vai além da graduação. Em meio ao surgimento da juvenilização na EJA, por exemplo, em consequência de rupturas educacionais, socioeconômicas e culturais, existem novos “formatos” de sujeitos, seja em cultura, aprendizagem, comportamento e em perfil. É um ponto a ser refletido.

Como ser profissionais das crianças, dos adolescentes, jovens e adultos populares sem conhecer a desconstruir essas hierarquias culturais e segregadoras? Sem desconstruir essa visão da escola pública e da EJA como lócus de incultos? Reconhecendo a rica cultura popular e as culturas de libertação que levam a fazer itinerários pelo direito a uma vida justa. Por serem reconhecidos sujeitos de cultura. Humanos. (ARROYO,2017, p.178).

Arroyo (2017, p.229) afirma que é preciso “reconhecer os adolescentes, jovens e adultos em seus itinerários para a EJA como sujeitos de culturas exige redefinir os olhares tão negativos com que os pensam a sociedade, o pensamento escolar e até as diretrizes e políticas”. É preciso como já enfatizado, que esses olhares sejam redefinidos, nos sensibilizando para com os discentes diante de nossas práticas e conteúdos impostos em nosso ambiente escolar, minimizando as tensões frente as realidades enfrentadas enquanto docente e pela comunidade escolar, “conquistando a confiança” daqueles que a perderam no decorrer de sua transição de criança para adolescente, oriundo de suas experiências empíricas, que acabam contribuindo para as reprovações, a inserção no “mundo das drogas” e insucessos desses sujeitos da EJA.

Nesse sentido,

A escola é pensada e chamada a participar em políticas culturais que procurem criar oportunidades para crianças, adolescentes e jovens engajarem-se em formas diversas de expressão cultural, a fim de tirar ou se prevenir do narcotráfico, da violência, da criminalidade [...] (ARROYO,2017, p.167).

Estratégia essa que, pensada na realidade do público, não apenas contribui para a sua inserção e participação nas atividades escolares, como também na sua permanência e continuidade na sua formação enquanto indivíduo. Dessa forma, fazendo valer seus direitos enquanto sujeitos em meio as diferentes manifestações culturais.

O estado deve garantir a todo cidadão os direitos culturais previstos na constituição, o acesso a produção cultural, à criatividade artística, à memória, ao patrimônio. Deve dar, a todo cidadão, instrumentos e oportunidades de cultivar suas capacidades como produtor e sujeito de cultura (ARROYO, 2017, p.166).

3. METODOLOGIA

Sabe-se que a metodologia, “é um conjunto de abordagens, técnicas e processos utilizados pela ciência para formular e resolver problemas de aquisição objetiva do conhecimento, de uma maneira sistemática” (RODRIGUES, 2007, p.2). Tal conjunto de procedimentos contribui também para a sistematização das informações e conhecimentos apreendidos no decorrer da pesquisa.

Metodologicamente, nossa pesquisa se assume como **qualitativa**, entendendo que “a pesquisa qualitativa preocupa-se [...] com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARD e SILVEIRA, 2019).

3.1. O CONTEXTO DA PESQUISA

O estudo foi realizado na Escola Municipal José de Carvalho e Silva, localizada em Canguaretama/RN, em uma turma de 3º período de Ensino Fundamental de EJA.

É o segundo ano que a escola oferece esse período da modalidade. Além disso, a turma é a única que é anual, ou seja, os mesmos alunos permanecem com a mesma professora o ano inteiro no mesmo período e turma. E a partir do ensino fundamental II, cada ano/série, funciona por semestre, mudando de professores e de turma de um semestre para o outro.

Abaixo, a descrição da oferta de EJA na escola:

Ano do Ensino Fundamental	Período da EJA
4º e 5º	3º período
6º e 7º	4º período
8º e 9º	5º período

Na primeira metade do ano, a quantidade total dos alunos matriculados na EJA, na escola, era de 315. Na turma de 3º período pesquisada havia 40 matriculados, dos quais 7 nunca compareceram à escola. E dentre a média de 30 alunos que compareceram, atualmente, 23 são os frequentes, sendo jovens entre 15 e 18 anos (apenas 3 tem uma média de 30 a 40 anos de idade).

Na segunda parte do ano, houve desistência. A usina começou a fase de moagem e alguns desses alunos tiveram que parar seus estudos para ir trabalhar. Com isso, o número de discentes matriculados diminuiu, mesmo que a matrícula para o segundo semestre tenha ficado aberto até o fim de agosto.

Contudo, há certa dificuldade de se identificar até mesmo a quantidade de alunos que frequentam as aulas, já que alguns destes, passam um tempo sem “aparecer nas aulas” e depois voltam. No decorrer dos anos, em contexto extraescolar de violência, houve casos de alunos da instituição que foram assassinados, pelo envolvimento com drogas. Recentemente, neste ano, um dos que foram executados em meio a essa violência, estudava na sala de aula pesquisada, tendo

ficado, a professora, bastante abalada com a situação. Há também alunos ameaçados de morte, por algum envolvimento em determinadas situações.

Parte dos educandos é oriunda de comunidades consideradas “perigosas” por parte da população e com altos índices de violência. Fazendo parte dessas ou de outras comunidades, todos residem na cidade de Canguaretama/RN.

3.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos de coleta de dados adotados na pesquisa foram: observação, questionário e intervenção didática.

A **observação** foi escolhida por permitir um contato próximo e sensível entre a pesquisadora e o contexto investigado, mostrando-se compatível com a natureza de “olhar sensível” de nossa pesquisa. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a observação:

É uma técnica que faz uso dos sentidos para a apreensão de determinados aspectos da realidade. Ela consiste em ver, ouvir e examinar os fatos, os fenômenos que se pretende investigar. A técnica da observação desempenha importante papel no contexto da descoberta e obriga o investigador a ter um contato mais próximo com o objeto de estudo (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.74).

Por meio da observação no decorrer das “idas e vindas” da pesquisa, foi possível ter um maior contato tanto com a mediadora das ações pedagógicas, como com os discentes, estabelecendo conversas informais, em momentos de aplicação de atividades mediadas pela professora. Dessa forma, também foi possível não apenas conhecer quem são, mas construir certa aproximação para os educandos e, de algum modo, conquistar a confiança desses.

Quanto ao **questionário**, utilizamos um para os educandos e um para a professora. GERHARDT e SILVEIRA (2009) afirmam que o questionário “objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas”, mostrando-se proveitoso para nossos objetivos.

Utilizamos dois dias para aplicação. O questionário direcionado à professora teve a intenção de apreender a visão da professora sobre seus alunos e suas principais dificuldades. O questionário orientado aos educandos objetivou identificar, por escrito, quem são, por que estão nessa modalidade de ensino, impasses, além de objetivos e sonhos. Em meio aos escritos, também foi possível identificar seus contextos e parte de suas trajetórias de vida até adentrarem na EJA.

Foi um questionário misto, com predominância de perguntas abertas. Segundo GERHARDT e SILVEIRA (2009), esse tipo permite que o questionado responda livremente às perguntas, sem um direcionamento rígido como os questionários fechados, ofertando respostas mais abrangentes.

O último procedimento de coleta foi a **intervenção didática**, realizada em dois momentos distintos: um, na própria escola em análise e outro, no campus Canguaretama do IFRN.

[...] denominam-se intervenções as interferências (mudanças, inovações), propositadamente realizadas, por professores/pesquisadores, em suas práticas pedagógicas. Tais interferências são planejadas e implementadas com base em um determinado referencial teórico e objetivam promover avanços, melhorias [...] (DAMIANI, 2012, p.2880).

A primeira intervenção foi pensada a partir de uma das cenas do filme “Escritores da liberdade”, onde a professora (protagonista) encontra-se com alunos jovens, envolvidos com o

tráfico ou usuários de drogas e com alguns outros problemas sociais. Chamamos de “dinâmica da linha” (será descrita nos Resultados).

A outra intervenção foi realizada durante a visita ao IFRN/Canguaretama (será descrita nos Resultados). Foi escolhida a partir de um contexto muito específico, vivenciado em um dos dias de observação: ao ser apresentada como pesquisadora e estudante do IFRN, a docente comentou que sonhava que seus alunos pudessem estudar nessa instituição. No entanto, os alunos riram, alguns foram irônicos e mostraram-se descrentes, subestimando suas capacidades de pudessem conseguir.

A partir disso, foi lançada por parte da pesquisadora, a proposta de visita ao Campus Canguaretama do IFRN, com o intuito de conhecer uma instituição escolar que oferta além do ensino, outras possibilidades (seja de estudo, de qualificação profissional, de cultura e desporto, de assistência). É um ambiente diferente do que a maioria deles conhece ou tem contato. A ideia era mostrar que, através de seus esforços nas aulas e de suas escolhas, poderiam ir além dos portões do “Municipal” (como a escola é conhecida na cidade), e serem alunos desse espaço formativo.

4. RESULTADOS

Ao adentrar na Educação de Jovens e adultos, através das observações realizadas, questionários aplicados e intervenções didáticas, foi possível conhecer um pouco de quem são os jovens e adultos da turma do 3º período da Escola Municipal José de Carvalho e Silva. Seja dentro da instituição escolar, seja fora dela. Conhecemos sujeitos muito diversos, mas com muito em comum.

Apresentamos, abaixo, os resultados do estudo, oriundos dos dados coletados em todos os momentos de investigação.

4.1. ELES, POR ELES MESMOS!

Sujeitos de direitos, alguns buscando a inserção no mercado de trabalho qualificado profissional, outros, tentando concluir seus estudos por meio da modalidade EJA, “jovens e adultos de volta à escola, em mais um itinerário pelo direito a educação, ao conhecimento, à cultura” (ARROYO, 2017, p.157).

Identificamos, como sujeitos de nossa pesquisa esses, também já identificados por Arroyo (2017). Sujeitos na condição de alunos do itinerário noturno da EJA. A maior parte **jovens** entre 15 e 20 anos.

É importante destacar que o Estatuto da Juventude determina jovem o sujeito de 15 a 29 anos, alongando essa faixa de tempo por levar em conta um prolongamento da permanência desses sujeitos fora do mercado de trabalho, na escola e na casa de seus responsáveis (LEMOS, 2016, p.4).

A seguir, tabela que apresenta as **idades** dos sujeitos da pesquisa:

Tabela – Idade dos sujeitos da pesquisa que responderam ao questionário

Sujeitos	S.1	S.2	S.3	S.4	S.5	S.6	S.7	S.8	S.9	S.10	S.11	S.12	S.13	S.14	S.15	S.16
Idade	15	15	15	15	15	15	16	16	16	17	17	18	20	33	37	40

Quanto ao local de **moradia e pertencimento**, identificamos jovens e adultos, inseridos em comunidades consideradas “difíceis” pelo contexto de violência e pelas execuções geralmente de pessoas com envolvimento no tráfico de drogas. É o caso do *Jiqui Campo*, onde moram 10 alunos dos 16 que responderam ao questionário. 2 residem no *Conjunto Nossa Senhora da Conceição*, conhecido por *Favela*, onde morava e foi morto 1 dos alunos da turma. 1 aluno reside em uma rua próxima da comunidade, conhecida popularmente por *Porto*. Todos são locais de Canguaretama com altos índices de violência, realidade enfrentada por esses sujeitos.

Todos da turma trazem consigo algum **traço negro**, seja na pele, no cabelo encaracolado ou em seus filhos. “Lembrando que entre os adolescentes, jovens, adultos, passageiros do trabalho para a EJA - predominam negros/as [...] (ARROYO, 2017, p.23).

Todos com uma história de sobrevivência a contar. Em meio a suas realidades, os que exercem ou realizam algum ofício, 8 são jovens e **trabalham** informalmente: como “carroceiros”, transportando com seus carros de mãos as compras de feirantes e clientes; como serventes de pedreiro; como agricultores; há quem trabalhe fabricando gesso. Dentre os que trabalham, 2 são adultas: uma é feirante e a outra corta cana-de-açúcar para ganhar seu pão de cada dia e manter seus filhos. Ambas, são mães.

Chegam passageiros do trabalho, da socialização oral popular com suas leituras de mundo, do trabalho, do espaço, da cidade ou do campo. Chegam com suas leituras de si mesmos nas relações sociais. Leituras ignoradas pela cultura letrada escolar (ARROYO, 2017, p.176).

Passageiros de trabalhos informais... “o que ganhar está bom”, pois precisam ajudar suas famílias, manter suas casas. Passageiros de contextos violentos, em meio à criminalidade e suas relações sociais. Passageiros que precisam de atenção, de olhares sensibilizados a fazer diferente, a redefinir seus pensamentos em meio a suas culturas e identidades diversificadas, enquanto sujeitos de direitos, enquanto sujeitos da EJA.

Reconhecer os adolescentes, jovens e adultos em seus itinerários para a EJA como sujeitos de culturas exige redefinir os olhares tão negativos com que pensam a sociedade, o pensamento escolar, e até as diretrizes e políticas. São pensados como seus grupos sociais, raciais, dos campos e das periferias: como incultos, sem história, sem cultura ou atolados na cultura popular distante da nobre cultura, a cultura letrada (ARROYO, 2017, p.229).

Embora submetidos a condições de vida escassas, possuem cultura e tem direito de serem valorizados. Trazem costumes de seus povos e de si mesmos, tradições, cor, vivências dentro de espaços considerados “periféricos”. Trazem consigo representações simbólicas e materiais construídos no decorrer do tempo, de quem são, do que gostam, do que fazem.

No decorrer de seu **cotidiano**, identificamos na pesquisa aqueles que gostam de jogar bola, há quem goste de jogar queimada, de ir a vaquejadas, de andar a cavalo, de passear ou estar com os filhos após uma longa jornada de trabalho. Pessoas que também se integram a um grupo, a uma cultura.

Há também sujeitos que usufruem de bebidas alcoólicas e, em média, de 7 a 8 são usuários de drogas.

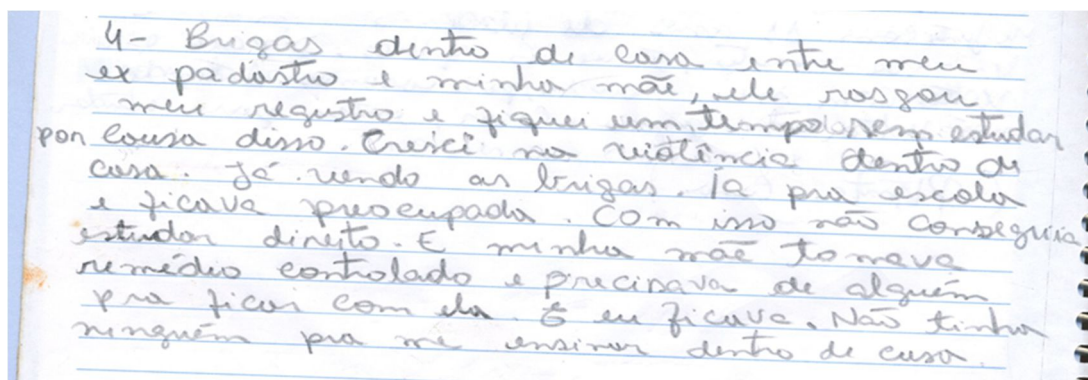
3-O QUE GOSTA DE FAZER?

Andar de Cavalo, ir para lancha no final de semana, beber e fumar (macorhe)

Fala oral transcrita de S.1 (educando de 15 anos)

Porém, são sujeitos que dentro de seus espaços e até mesmo fora, possuem diferentes relações socioculturais. Muitos sem **estrutura familiar** estável, vítimas dentro de casa e da sociedade em meio às segregações. Talvez não haja explicação para o envolvimento com o tráfico, talvez haja. Mas são sujeitos com seus direitos negados, tachados por sua cor, etnia, religião, pela comunidade em que vivem, pela classe social. Sujeitos não apenas submetidos ao que a sociedade impõe, mas também a suas realidades de vida sofrida. O que fazer?

Muitos deles são expostos a situações, que fazem com que se tornem “maduros”. Desistem por ter que trabalhar, que cuidar de suas famílias, que dar assistência, por estar submetidos a situações de violência. Realidades como a citada a seguir:



4- Brigas dentro de casa entre meu ex padasto e minha mãe, ele rasgou meu registo e fiquei um tempo sem estudar por causa disso. Cresci na violência dentro de casa. Já vendo as brigas lá pra escola e ficava preocupada. Com isso não conseguia estudar direito. E minha mãe to meva remedio controlado e precisava de alguém pra ficar com ela. E eu ficava. Não tinha ninguém pra me ensinar dentro de casa.

Fala oral transcrita (educanda de 16 anos)

A fala da aluna nos leva a refletir: será que essa jovem, dentre os demais da turma, pode ter o direito de escolha? Em seguir seus estudos, buscar uma vida melhor? Hoje, ela sonha em ser advogada, mas o seu contexto o fez se ausentar do processo de formação enquanto cidadã. O seu direito foi negado e, mesmo que seja dever de sua família buscar educação para o(a) filho(a), a sua realidade de vida resultou no seu afastamento da escola em seus primeiros anos de infância. Agora, em sua adolescência, certamente está sendo difícil iniciar seu processo de alfabetização no 4º e 5º ano, já que esta adolescente está, só agora, conseguindo permanecer na EJA e começando a se apropriar do sistema alfabético de escrita.

Conforme o art. 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente,

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 2017,p.10).

Quem se omitiu a todos os direitos expostos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente? Essa adolescente teve escolha? Será que seus colegas adolescentes que correspondem aos 20 dos 23

alunos que frequentam as aulas da turma, puderam decidir ou ter apoio e incentivo daqueles que os cercam?

Esse é um dos tantos exemplos nítidos que se fazem presentes nessa turma e, talvez, de tantos outros contextos de alunos que tiveram seu direito à educação negado.

4.2. ELES ESTÃO AQUI!

Permeando esses contextos, em meio as observações e conversas, questionário e intervenções, foram surgindo novos sentidos, novas compreensões.

Há quem tenha tido falta de oportunidade como S.14, S.15 e S.16. Todas **mulheres** e que tiveram, de alguma forma, que cuidar ou trabalhar para dar sustento à família no decorrer de sua vida. S.14 relatou a sua vivência ainda na sua infância da seguinte forma:

“Quando comecei a estudar, tinha 9 anos de idade. Trabalhava na cozinha dos outros. A pessoa que eu ficava na casa dela trabalhando, tinha que me colocar para estudar, mas não colocava. 2 anos fiquei trabalhando assim e o dinheiro dava para minha mãe. Me juntei com 11 anos de idade. Brigava muito e tive 6 filhos. Separei e voltei com meu marido, pois casamos. Antes de voltarmos agora e casar, entrei para estudar.”

Aqui não temos um simples relato, temos uma história de vida. Submetida ao trabalho ainda na infância, teve não só seu direito a educação negado, mas seu direito de viver sua infância enquanto criança. S.14, começou a estudar aos 9 anos, mas parou na mesma idade. Havia tido um combinado entre a sua mãe e a suposta “empregadora” de que ela trabalharia e que também seria esta, a responsável por manter S.14 na escola. No entanto, não foi assim que ocorreu e ela trabalhou durante 2 anos.

No Estatuto da Criança e do Adolescente, encontramos: “Art. 2º. Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 2017, p.10). S.14 foi submetida ao trabalho privado, sem escolhas. E ainda: “Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz” (BRASIL, 2017, p.36).

Diante de suas lutas diárias limpando, varrendo, em meio a suas ocupações enquanto “empregada” e enquanto criança, decidiu ir “morar” com alguém. Ainda garota, se tornou mulher e mãe. E mesmo no corte de cana durante o dia, ela vai tentando dar continuidade a seus estudos.

S.14 com sua infância interrompida não pôde brincar, correr, pular, não pôde viver a sua fase criança e nem ter acesso a escola.

Ela é negra e vem de família humilde, enfrenta uma jornada diária enquanto mulher e mãe. Não teve escolha enquanto criança, mas fez uma escolha em recomeçar. Todas elas, de algum modo, não tiveram a oportunidade de ter acesso a seus estudos.

Em meio a esse contexto, a EJA vem na tentativa de não apenas dar acesso à formação de um indivíduo enquanto cidadão, mas reparar o direito antes negado, ao acesso à escola e ao conhecimento, à socialização e tudo que rodeia a EJA.

Desse modo, a função reparadora da EJA, no limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano (BRASIL, 2000, p,7).

A EJA, além de ser uma modalidade de ensino reparadora, oportunizando-os a dar continuidade de um direito roubado, busca garantir o direito à educação para todos, na tentativa de “deixar igual o que é desigual”, também tem a função equalizadora. Tal função dá maiores oportunidades aos desfavorecidos, aos inferiorizados, tornando-os “iguais” perante a sociedade, reparando de certa forma, o acesso à educação, desencadeando outros incentivos e oportunidades para esses indivíduos, como a entrada no mundo de trabalho assalariado, permitindo-os sua qualificação. Decorrente disso, por meio da reparação e equalização da EJA, também há a função a qualificadora, visando a educação ao longo da vida em meio aos avanços e transformações sociais.

A maior parte dos adolescentes da sala trabalha. Mesmo que alguns tenham o hábito de jogar bola, queimada ou outras práticas esportivas, a maior parte trabalha para dar sustento a sua família e/ou ter certa independência financeira como poder usufruir de um calçado melhor ou roupa. Tentam gozar, da forma como podem, para expressar seu **direito à liberdade como adolescentes**.

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: I – ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II – opinião e expressão; III – crença e culto religioso; IV – brincar, praticar esportes e divertir-se; V – participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; VI – participar da vida política, na forma da lei; VII – buscar refúgio, auxílio e orientação (BRASIL,2017, p.16).

Dos que são jovens, há quem não tenha pai, há que more com a mãe e irmãos, há quem more com mãe e pai, há quem more com a irmã e também aquele que mora com um colega, como é o caso do S.12, de 18 anos. Ele pode até ser “maior de idade”, mas além de ser repetente, ainda não sabe ler, apenas “tirar do quadro”. Sempre “faz um bico aqui e ali”, às vezes “faz frete” com seu carrinho de mão, às vezes é chamado para carregar algum tipo de material no comércio da cidade para ganhar uns trocados. Sobre sua família, não quis argumentar.

S.12 é um dos que frequenta a EJA, mas que após o intervalo, não volta à sala de aula, em meio aos seus colegas da turma. Dentre os que frequentam a sala, entre 7 e 8 são usuários de **drogas**. Vão para a sala, mas por que não ficam a aula toda? Alguns vão embora por estar cansados de um longo dia de trabalho, outros querem andar em meio ao itinerário noturno.

Muitos deles, além de ser adolescentes, começam a bagunçar durante a aula, até mesmo ligando aparelho de som e ouvindo música. A professora vai tentando conversar, incentivá-los a parar com a situação. Por algum motivo, eles continuam lá. Por que?

São realidades de vida cruéis! Tem histórias de vida distintas, mas também parecidas. Todos são inferiorizados por serem **negros, pobres**. Todos, com seus direitos negados. Como já dito, grande parte deles vive em contextos violentos e veem de tudo um pouco. Há quem trabalhe por poucos “trocados”. Há quem se envolva e se torne usuário de drogas, já que sua vida já é tão difícil, para amenizar um pouco sua labuta.

(...) esses jovens e adultos são vítimas da pobreza, do desemprego, dos espaços violentos, de falta de escolarização e de espaços de lazer, de acesso aos bens culturais... São vítimas da violência policial, da fraqueza do sistema de segurança e de injustiça... (ARROYO,2017, p.245).

Há quem se torne violento inserido em um contexto de **violência**. Daí pode vir seus comportamentos, sua “**indisciplina**” e dificuldades na escola. Porém, tudo isso pode até não “ser justificável”, mas o que é justificável na vida desses sujeitos historicamente já segregados por sua diversidade e enquanto cidadãos?

Esses adolescentes, jovens-adultos fazem parte de um grupos sociais-raciais não reconhecidos, em nossa história política, cultural e pedagógica, como sujeitos nem como cidadãos e humanos plenos (ARROYO,2017, p.228).

Em meio à segregação, a escolarização é um dos processos de humanização desses sujeitos.

O reconhecimento como sujeitos vindos da diversidade de estudos da condição juvenil é um avanço para o reconhecimento dos adolescentes, jovens e adultos em itinerários do trabalho, do sobreviver provisório à procura do direito a serem reconhecidos humanos, cidadãos (ARROYO,2017, p.228).

Nesse impasse está a escola. A turma do 3º período é “tachada” como a pior, com a “indisciplina” dos jovens.

“Já foi um inferno”, conforme S.15 naquela turma do “Municipal”. Houve mudanças. E descobriu-se objetivos e sonhos. Descobertas observadas em meio aos esforços na tentativa de aprender a ler e entender um conteúdo. A indisciplina às vezes “controlada” em meio a uma leitura de reflexão. Comportamentos sendo compreendidos pela oportunidade de ouvi-los. Houve sensibilidade para com esses sujeitos na escola, de alguma forma. Mas ainda é preciso mais. Eles precisam não apenas ser vistos por um olhar sensível, como o da professora da sala. Mas de todos, seja dentro ou fora da escola, e assim, buscar alternativas, políticas de incentivo e permanência a seus estudos, projetos socioeducativos, que permitam que se integrem a outros contextos, eventos que se descubram em áreas afins e os instiguem a buscar mais, a querer mais, a acreditar neles, que podem conquistar seus **objetivos e sonhos**. Sonhos que ainda existem, como bem enfatizaram no questionário:

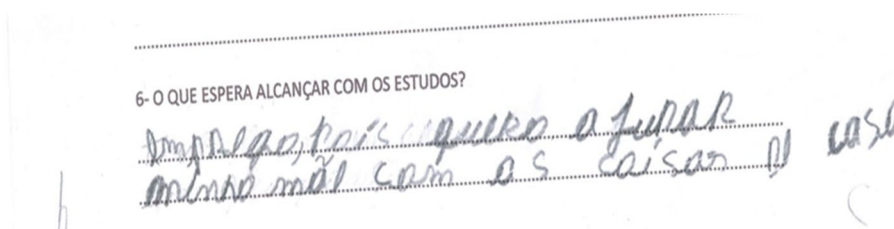
SUJEITOS	SONHOS
S.1	Fazendeiro
S.2	Trabalhar.
S.3	Um emprego
S.4	Uma melhor vida
S.5	Terminar os estudos e ter um trabalho “melhor”
S.6	Comprar um carro
S.7	Ser advogada
S.8	Trabalhar
S.9	Ter uma moto
S.10	Comprar uma casa
S.11	Ter um carro
S.12	-----
S.13	Trabalhar
S.14	Uma vida melhor para os filhos
S.15	Trabalhar. Formar-se em Farmácia ou Pedagogia
S.16	Terminar os estudos

Ao responderem ao questionário, alguns tiveram dificuldade em “saber o que dizer”, mediante as seguintes perguntas “O que espera alcançar com os estudos?” e “qual é seu sonho”. Não estamos aqui nos referindo a dificuldade de leitura e escrita (já que grande parte da turma

está se alfabetizando), mas em saber e em expressar-se sobre o que esperam, que expectativas de vida possuem com os estudos. É como se nunca tivessem se perguntado ou refletido, de que com os estudos, podem ir além, podem conseguir mais. Eles sabiam que estavam ali, que estão tentando concluir seus estudos. E assim, foram se descobrindo em meio às perguntas e se encontrando como “sujeitos de objetivos e sonhos”, por mais simples que fossem.

Suas expectativas do que querem ser são concluir seus estudos e trabalhar. Alguns, ser um profissional qualificado com formação superior. Mas todos, buscando por intermédio da EJA, melhores condições de vida, conquistar alguma coisa, possuir “algo material” por meio de seu trabalho, como um carro, uma moto, uma casa. Até mesmo aqueles envolvidos com drogas.

A EJA vem como uma esperança, como bem espera alcançar S.3, com o término dos estudos:



Fala escrita por S.3 (educando de 15 anos)

S.3 tem apenas 15 anos e só estuda. Mas o que faz com que ele pense dessa forma nessa faixa etária? Ele quer apenas terminar os estudos e sonha com um emprego, para ajudar a sua família ao afirmar “emprego, quero ajudar minha mãe com as coisas de casa”. Mora com sua mãe e irmãos, em um bairro considerado periférico, que é o *Jiqui*. Ele está aqui, na EJA, tem um propósito. Ele repetiu de ano e era “indisciplinado”, mas como se configurou a sua criação, a que condições este sujeito foi submetido? Hoje, se arrepende por não ter se interessado pelos estudos, e é um dos que são presentes e participativos.

Este jovem é um dos 23 alunos que, de alguma forma, está sendo motivado a permanecer na EJA, na turma do 3º período do Municipal. Seja pelo olhar sensível da docente com suas práticas pedagógicas, seja por algum objetivo que deseja alcançar, através de seu processo formativo. E quem sabe assim, desenvolver habilidades e encontrar profissões, até ingressando em ensino superior, como é o sonho de S.7 e S.15.

A educação, como uma chave indispensável para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea, vai se impondo cada vez mais nestes tempos de grandes mudanças e inovações nos processos produtivos. Ela possibilita ao indivíduo jovens e adultos retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extraescolar e na própria vida, possibilitar um nível técnico e profissional mais qualificado (BRASIL,2000, p.10).

4.3. ELES TÊM ESCOLHAS?

Esses jovens e adultos segregados pela cor, grupo social, cultura, crenças, costumes, valores, agora fazem da modalidade EJA uma forma de gozar seus direitos antes negados:

A educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do

desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça (Declaração de Hamburgo sobre a EJA) (BRASIL, 2000, p.12).

Assim, pode possibilitar aos sujeitos novas oportunidades e escolhas em meio as suas realidades que não lhe dão escolhas!

No intuito de levá-los a refletir sobre suas “escolhas” e que “possuem escolhas”, mesmo no contexto em que se inserem, foram realizadas duas **intervenções**.

A primeira chamamos de “**Dinâmica da linha**”. A sala foi organizada em formato de semicírculo e foi pedido que alguns alunos ajudassem na arrumação do espaço. Um dos que “não presta atenção nas aulas, bagunça ou não permanece na aula toda em sala”, foi o direcionado para que junto com a pesquisadora, colocasse a fita no meio da sala. Há quem estranhasse, perguntando se teria aula, pois era algo diferente.

Feito isso, foi posto no quadro a seguinte frase: “A vida é feita de escolhas, quando você dá um passo para frente, alguma coisa fica para trás”, de um autor desconhecido. Refletimos sobre a frase, deram exemplos. A intenção era que repensassem nas escolhas que estariam fazendo. Quase todos que estavam na sala participaram. Foi explicado a dinâmica: seriam feitas perguntas, quem se identificasse se aproximava da linha, e quem não, ficaria parado. Como já referido anteriormente, a intervenção teve como inspiração o filme “Escritores da liberdade”. O objetivo principal era refletir diante de suas realidades e escolhas. Assim, caminhando a uma reflexão sobre o papel da escola para sua formação enquanto cidadão.

Assim, foram feitas, inicialmente, perguntas com as quais se sentissem empolgados com a dinâmica e participassem, como:

- Quem gosta de reggae?
- Quem gosta da professora **Bila**? (docente da turma e assim identificada).

Até começar a trazer perguntas que refletissem sobre suas realidades e pudessem conhecer um ao outro, como:

- Você tem alguém que considera um amigo de verdade?
- Você conhece alguém que tem algum vício?
- Quem mora com mãe e pai? A família?
- Quem mora apenas com o pai?
- Quem mora apenas com a mãe?
- Alguém aqui não tem pai ou mãe mais?

No momento dessa última pergunta, apenas duas alunas andaram para a linha. Questionaram a uma das mais jovens, pois não sabiam que ela não tinha mais pai e havia falecido há 2 meses. Alguns se sensibilizaram, mas todos ficaram nesse momento em silêncio e a professora da turma afirmou o que ela tinha dito.



Dinâmica da linha, com a turma da EJA do 3º período da Escola Municipal José de Carvalho e Silva

No final, foi perguntado se eles tinham algum **sonho**. Foi pedido que fechassem os olhos e pensassem nele. Feito isso, abriram os olhos e conversamos sobre isso, ressaltando a importância de nossas escolhas, do porque estamos na escola, até buscar trazer uma compreensão sobre a importância dos estudos para a realização de nossos sonhos. E que, com uma leitura crítica de nossa realidade, podemos compreender que parte depende de cada um. Por exemplo, ter entrado para a EJA, mesmo com todas adversidades, foi uma escolha. E que precisamos compreender o valor para valorizar o que fazemos na escola.

Toda a dinâmica foi pensada a partir das observações e conversas com os alunos e a docente da sala, e as perguntas foram direcionadas aos diferentes perfis da sala.

Apesar de alguns alunos não terem participado e outros chegarem à aula no término da dinâmica, eufóricos, a atividade atingiu seu objetivo. Puderam se conhecer mais, se reconhecer como sujeitos, reconhecer suas convergências, sentir-se capazes de fazer escolhas e realizar sonhos, como os que foram expostos no questionário:

7-QUAL É SEU SONHO?

formar-se farmacêutica ou
pedagogia.

1

Fala escrita por S.15 (educanda de 37 anos):
"Formar-se farmacêutica ou pedagogia".

7-QUAL É SEU SONHO?

Ser advogada.

1

Fala escrita por S.7 (educanda de 16 anos):
"Ser advogada".

Vale ressaltar que a dinâmica foi realizada, e logo depois, feita a aplicação do questionário.

Com já ressaltada, a **outra intervenção** foi realizada durante a **visita ao IFRN/Canguaretama**, pensada com o objetivo de refletir sobre a continuidade nos estudos. Gostaríamos que enxergassem que também poderiam atingir novos horizontes, como o ingresso no Instituto, já que para alguns deles, em meio aos seus fracassos escolares, se sentiam incapazes de adentrar nesse universo formativo.

A visita teve a presença de 18 pessoas da escola, entre a professora de sala, a gestora e o porteiro. Ficaram deslumbrados, conheceram diferentes espaços, como a piscina, a quadra de areia, o refeitório, o espaço onde fica o atelier, a sala de música e outros espaços. Como a visita foi no horário de aula, no turno noturno, não foi possível conhecer todos os espaços devido ao tempo.



Sala de música



Atelier

A intervenção foi realizada na sala dos espelhos (uma sala de esporte). Dos 15 alunos, 13 participaram juntamente com a gestora, a professora e o porteiro da escola, totalizando 16 participantes da dinâmica que funcionou da seguinte forma: a metade ficava vendada e era conduzida pelos que não estavam vendados. Naquela pequena sala, o condutor teria a responsabilidade de conduzi-los e “escolher os caminhos” sem que batessem uns nos outros. Foi posta música de fundo e assim foi feito. Os que estavam sem enxergar, deveriam confiar naqueles pelos quais estavam sendo conduzidos.



Sala dos espelhos

Ao final, quem estava conduzindo deveria levar seu colega até próximo ao espelho e ali seriam tiradas as vendas.

Assim, olhariam para seu reflexo, dizendo “quem são, se identificando enquanto sujeitos”. Apesar de ter sido algo divertido para quem participou do momento, por ser algo novo e serem jovens, dois alunos que não participaram começaram a “ironizar”, tumultuando o momento final, o que fez com que a dinâmica fosse finalizada ali, sem que conseguíssemos fazer seu fechamento, onde explicitaríamos os objetivos para fazer a reflexão final.

Já no refeitório, após os ânimos terem se acalmado, foi explicado o intuito da dinâmica: refletir sobre quem são, por meio de seus reflexos no espelho e sobre suas escolhas, já que quem estava conduzindo, teria a escolha de decidir por onde caminhar. Dessa forma, fazendo uma comparação sobre as escolhas que foram feitas para caminhar sem bater nos colegas e as que fazemos na vida.

Com isso, ao fim da visita, foi relatado por parte dos alunos que gostariam de ir ao IFRN novamente, que amaram o local e o momento. Alguns disseram que iriam tentar ingressar no IFRN/Canguaretama. Compreendemos, com isso, que houve resultados e a visita despertou novos horizontes a alguns desses estudantes, tachados como repetentes.

As intervenções foram pensadas, como já referido, no intuito de que repensássemos coletivamente sobre nossas escolhas. Sempre na busca por conquistar objetivos e sonhos, em meio a tanto direitos negados.

4.4. ELES, PARA A DOCENTE

Com a pesquisa, identificamos que, no decorrer de sua prática, a professora busca aproximar o conteúdo ao entendimento dos alunos. Trazer momentos em que se construa a confiança, em meio a sujeitos tachados como indisciplinados (como um lanche coletivo em meio a apresentação de objetos representativos folclóricos na semana que se comemora o folclore ou um bazar onde os alunos mais ganham do que compram roupa).

É uma forma dela contribuir diante de uma segregação social.

Olhar sensível, preocupada em conquistar a confiança de seus alunos, levando em consideração quem são, observando suas necessidades e limitações de aprendizado e nas questões subjetivas de cada sujeito, buscando compreendê-los em meio a sua prática e com a uma paciência que tenta não ter limite. Sempre trazia atividades xerocadas diferentes, conforme cada nível de aprendizado do educando. Preocupada se os alunos viriam no outro dia. Já vivenciou a morte de um aluno em consequência das drogas. Como professores, deveríamos nos inspirar.

Inspirada na sua realidade de vida, com pais analfabetos, como ela mesma diz “tive que vencer na vida para ter o que tenho hoje”. Já passou por situações difíceis e busca trazer, a partir dessa realidade vivenciada por ela, uma tentativa de aproximar-se da realidade deles, fazendo-os refletir sobre suas escolhas em estar na sala de aula e de suas ações diante do que o mundo tem a oferecer. Além de conversar, chamar a atenção dos alunos, quase todos adolescentes, da importância da escola e dos estudos para alcançarem objetivos, em meio a sociedade excludente em que vivemos.

A docente está há 23 anos atuando como professora e há 8 é professora da Educação de Jovens e Adultos.

Para ela, quem são eles? “alunos que moram em bairros periféricos, com todas as situações desfavoráveis ao cidadão que precisa das políticas públicas para a formação social, cultural e profissional.” Na sua opinião, vários fatores contribuem para que eles estejam nessa modalidade de ensino, como estrutura familiar, omissão por parte de alguns profissionais da educação, falta de investimento na base educacional e o comprometimento dos nossos governantes.

Mesmo que tenha ocorrido evasões, devido ao fator trabalho por exemplo, ela tem um quantitativo significativo de alunos que são frequentes nas aulas. Dos que se matricularam inicialmente, 23 são frequentes. Mas ainda assim, mediante sua realidade de ensino, ela sente a necessidade de curso profissionalizante para esses sujeitos e sua formação continuada rumo ao mundo do trabalho.

Em seu ponto de vista, embora também a EJA seja uma tentativa de reparar os tantos direitos negados, atualmente, muitos desses sujeitos ainda traçam perfis de alunos subalternos e marginalizados perante a sociedade e estes também estão inseridos dentre os fatores que permeiam a realidade dos sujeitos de sua turma.

Em uma turma de 4º e 5º ano, idades e níveis de ensino e aprendizado distintos e alunos usuários de drogas, a docente tenta em meio a suas ações pedagógicas, atraí-los e envolvê-los em seu processo de alfabetização e letramento.

Uma de suas metodologias, é trazer “leituras deleites” que façam os alunos refletirem sobre suas ações, suas escolhas, buscando “despertar o interesse e valorização pelo conhecimento, pelos estudos, para a sua formação enquanto cidadão”.

Com tudo isso, embora haja “indisciplina”, se existe certo respeito, que vai amenizando algumas situações a um simples pedido como “desligue o som”, e atendem, havendo certa obediência a uma autoridade de sala. Algo significativo e resultado de uma prática sensível e sensibilizadora, pelo seu modo de agir, compreender e fazer das ações pedagógicas junto a seus alunos, incentivando a permanência dos discentes no cursar de suas aulas.

Mesmo com tudo isso, são sujeitos que precisam de mais, e como bem citado, de políticas que visem sua inclusão em diversas esferas sociais, culturais, e no mundo do trabalho de forma digna, inibindo sua inserção no mundo do crime. Embora aqui exista uma prática diferenciada, na escola, há salas com pouquíssimos alunos e altos índices de evasão.

Para aqueles que se fazem presentes no contexto EJA,

[...] é sabido que a formação inicial, ou seja, a formação acadêmica de graduação do professor para atender a especificidade da EJA é ainda incipiente. Para minimizar essa defasagem, a formação continuada ao longo da carreira profissional pode contribuir para os docentes dessa modalidade de ensino, na troca de experiências com seus pares, uma ação mais eficiente, levando-os na direção de um trabalho pedagógico preparado a enfrentar a diversidade cultural de seus alunos e, por consequência, melhorar o desenvolvimento destes (PARANÁ, 2008, p.12).

Tal formação continuada pode permitir ao professor dialogar com a juventude, compreender quem são os sujeitos, traçar caminhos na sua prática, construir currículos a partir da cultura desses indivíduos, para que se identifiquem com o que está sendo trabalhado em sala, nos permitindo construir como docentes, um olhar sensível para esses sujeitos da EJA. Olhar esse que a docente da turma, por meio de sua realidade vivida e experiência em sala, procura respaldar sua prática educativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer das observações e intervenções, buscamos responder ao seguinte questionamento: “Quem são esses sujeitos da Escola Municipal José de Carvalho e Silva, da turma do 3º período do Ensino Fundamental da EJA?”

Encontramos e conhecemos sujeitos – na pesquisa – com seus direitos negados historicamente, por serem negras e negros, pertencerem a grupos socioculturais “diferentes”, por

sua etnia ou qualquer outra característica que possa ser estereotipada como inferior. Conhecemos jovens e adultos em meio a desigualdade, tentando melhores condições de vida.

Mediante a falta de oportunidade de estudar, tiveram que trabalhar para suprir as necessidades de casa. Arelado a seus comportamentos “difíceis”, estão suas realidades, seus contextos de violência e suas desestruturas familiares. Diante de suas dificuldades de aprendizado, está o seu cotidiano de trabalho e a falta de assistência à saúde, de alimento, de segurança, de apoio. Veem na EJA uma forma, “de algum jeito”, de terminar seus estudos escolares.

São sujeitos com sonhos, com marcas subjetivas em meio ao “caos”, às suas realidades. E trazem junto a isso, cultura, valores, crenças. E a escola é um dos ambientes para que seja dado o primeiro passo, para que assim, seus direitos sejam reconhecidos e garantidos enquanto sujeitos.

Oriundo de tantas situações difíceis, precisam mais do que ter acesso a escola. Precisam, além de serem reconhecidos como sujeitos de direitos, serem conhecidos e compreendidos, sobre quem são. O porquê estão na EJA. O porquê dos seus comportamentos. E terem um olhar sensível para esses sujeitos, que ao adentrarem na EJA, trazem consigo suas vivências e experiências que, também motivaram seu fracasso escolar. Serem conhecidos e compreendidos, por todos.

Faz-se necessário, não apenas a prática docente, vista ser essencial no envolvimento e desenvolvimento do educando. Mas, de todos que se integram o contexto educativo, envolvendo em atividades diferenciadas, incentivos para dar continuidade aos seus estudos enquanto jovens, sujeitos. A instituição escolar é uma porta de entrada para a formação enquanto cidadão e saída para melhores condições de vida.

Como gestor(a), professor(a), ator(es) da escola, podem-se construir projetos que os envolvam no ambiente escolar, adotar medidas que os incentivem na permanência e participação nas atividades e nas aulas, e até mesmo buscar parcerias de instituições que contribuam para que ideias sejam efetivadas.

Esses jovens e adultos, expostos a suas realidades, precisam de políticas públicas que os motivem a trilhar outros caminhos. De projetos que estimulem suas capacidades e habilidades. De incentivos que lhes oportunizem sonhar e acreditar em condições melhores e que são sujeitos de cultura, de valores, de costumes, de crenças e de direitos.

6. REFERÊNCIAS

ARROYO, MIGUEL G. **Outras Pedagogias**. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ARROYO, MIGUEL G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA - Itinerários do direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf Acesso em 19 de setembro de 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Versão digital de 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf> Acesso em 08 de Outubro de 2019.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer CNE/CEB 11/2000. Disponível em: http://confinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/parecer_CNE_CEB_11_2000.pdf Acesso em 24 de Outubro de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Coleção trabalhando com a educação de jovens e adultos**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. (Caderno 1 – Alunas e alunos de EJA).

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Versão digital de 2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf Disponível em 4 de Outubro de 2019.

DAMIANI, Magda Floriana. **Sobre pesquisas do tipo intervenção**. Anais do XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, ENDIPE. Campinas: FE/UNICAMP, Julho de 2012. Disponível em <http://endipe.pro.br/ebooks-2012/2345b.pdf> Acesso em 08 de Outubro de 2019.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil-UAB/UFRGS e Curso de Graduação Tecnológica Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre Currículo**: diversidade e currículo. In: BEAUCHAMP, J; PAGEL, S.D.; NASCIMENTO, A.R. (Org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEMOS, Amanda Guerra de. **Jovens na/da EJA**: desfazendo nós, nos entrelaçamos. Anais do III Encontro Internacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos – Alfa e EJA. Santa Catarina, 2016. Disponível em <https://alfaeejablog.files.wordpress.com/2017/05/amanda->

[guerra-de-lemos_jovens-nada-eja-e28093-desfazendo-nc3b3s-nos-entrelac3a7amos.pdf](#)> Acesso em 08 de Outubro de 2019.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Coleções FTD para EJA**. SEED, 2008. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1711-6.pdf>. Acesso em setembro de 2019.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica**. Paracambi: FAETC/IST, 2007. Disponível em http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf Acesso em 24 de Outubro de 2019.